

Misoginia & bruxaria: mulher e estereótipos na colônia americana.

Eliane Cahon Leopoldo¹

Resumo

Este artigo aborda a temática “Mulher & bruxaria no Brasil colônia”. Nossas reflexões têm como base os relatos da historiografia selecionada para análise. O enfoque principal são os discursos misóginos que apresentam a mulher como sendo agente do mal e bruxas, no contexto colonial brasileiro. Nossas questões giram em torno das associações mulher e práticas de bruxaria. Buscamos compreender o arquétipo retratado no cenário da temporalidade proposta.

Palavras-chave: mulheres; bruxaria; misoginia.

Abstract

This article addresses the theme "Women & witchcraft in colonial Brazil. Our reflections are based on the reports of historiography selected for analysis. The main focuses are the misogynist discourses that present women as agents of evil and witches in colonial Brazilian context. Our questions revolve around the women associations and practices of witchcraft. We seek to understand the archetype portrayed in the scenario of temporality proposed.

Keywords: women; witchcraft; misogyny.

¹ Mestranda em História Social da Universidade Severino Sombra. Licenciatura em História pela UNIABEU, Centro Universitário e Especialização em História Moderna pela Universidade Federal Fluminense. O presente texto é parte do trabalho de conclusão da Especialização em História Moderna na UFF.

Introdução

O objetivo deste artigo é abordar a temática “mulher & bruxaria no Brasil colônia. Nossas reflexões têm como base os relatos da historiografia selecionada para análise. O enfoque principal são os discursos misóginos que apresentam a mulher como sendo agente do mal e bruxas, no contexto colonial brasileiro. Após escolha de nossa temática, fizemos uma leitura crítica interrogando a historiografia selecionada. Assim começamos a compreender, nesse âmbito, as faces das múltiplas mulheres, produzidas pelos discursos do contexto social proposto.

Ao enxergar o imaginário relacionado às mulheres, percebemos que, ao longo dos tempos, as representações do masculino e do feminino foram construídas mediante algumas crenças enraizadas no universo social de determinados grupos. Estas expressavam uma época, muitas vezes as estratégias de legitimação de poder. Construções historiográficas que refletem o modelo social instituído, que projetava a mulher através de um discurso misóginos, legitimado no caso do período em questão, principalmente pelo discurso religioso e científico.

As imagens e personagens femininas passam a ter um novo olhar a partir da historiografia produzida pela Escola dos Annales,² com suas novas propostas metodológicas e campos de pesquisa, que propunha uma nova abordagem para a História. E, segundo relato de José Carlos dos Reis, “ao adotarem o ponto de vista das ciências sociais, recusando influências da filosofia e da literatura, os Annales quiseram fazer da história uma ciência social” (REIS, 2006, 81). Abre-se um novo debate

² A Escola dos Annales surgiu na década de 1920, com os franceses Marc Bloch e Lucien Febvre que criticavam os historiadores tradicionais e almejavam substituir a história política por uma “história mais ampla e mais humana, que abrange todas as atividades humanas e estaria menos preocupada com a narrativa de eventos do que com a análise das estruturas”. Bloch e Febvre fundaram a revista “Annales d’Histoire Économique et Sociale”, na qual faziam críticas aos historiadores tradicionais e divulgavam a nova forma de se fazer história. Dando ênfase a uma história interdisciplinar e não a factual e dos grandes homens.

historiográfico, que busca interrogar e dialogar o cotidiano de grupos como o das mulheres, colocados à margem pela historiografia positivista³ do século XIX.

Novos questionamentos surgiram e, na década de setenta do século passado, a história das mulheres passa a se ocupar de outros campos, direcionados a explicar a atuação destas, abrindo um leque a novas personagens. A história das mulheres assume novas perspectivas e, nos anos 80 do século XX, rompe com o viés político e caminha para o debate de gênero para explicar as relações entre homens e mulheres. Sendo que nas duas últimas décadas do século XX novamente fronteiras foram abertas, a partir de objetos e abordagens historiográficas, que privilegiavam as questões ligadas ao cotidiano dos indivíduos.

Primeiramente apresentaremos um breve panorama acerca da questão da mulher no Brasil colônia. No segundo momento abordaremos o cenário e associação das mulheres às práticas de bruxaria, vista pelo olhar historiográfico dos autores selecionados para estudo. Enfim percebemos um discurso normatizador de comportamentos, que teve suas bases alicerçadas na Metrópole, no discurso religioso e científico da época.

Mulher e estereótipos na colônia americana.

A exploração colonial ultramarina, novas práticas de comércio e novos produtos modificam as estruturas econômicas e sociais do período. Mudanças produzidas de modos diferentes e lenta no contexto europeu moderno. Neste cenário ocorrem os conflitos e as tensões “homem *versus* razão e religião”. Numa perspectiva ampliada com o fim de entender o estereótipo da associação mulher e bruxaria na colônia, buscamos nos relatos historiográficos resposta para nossa questão. Vamos percorrer inicialmente os discursos que ao longo dos tempos, mesmo conhecendo as

³ Grosso modo poderíamos iniciar dizendo que a História Positivista seria a “História Oficial”, representada nos livros didáticos, entretanto essa é uma imagem construída a partir das suas narrativas que considerava o passado imutável, uma história factual, que valorizava os grandes personagens históricos e relatos de batalhas (grifos nossos).

múltiplas faces femininas, e toda sua complexidade e diversidades, apresentam uma generalização específica quando o discurso era sobre e a mulher.

Nossas incursões vêm nos apresentando o imaginário relacionado às mulheres na sociedade moderna ibérica, tendo como pano de fundo especificamente os relatos referentes ao Brasil colônia. Fica evidente no relato o do texto: *A Mulher na expansão ultramarina ibérica. 1415 -1815*, que “os ibéricos transportam para ultramar a bagagem mental que tinham acumulado na Península” (BOXER, 1977, pp. 121-144). Durante séculos a figura feminina causou estranhamentos, uma complexa e tensa relação. Onde o papel e o lugar das inúmeras representantes desse grupo foram, ao longo da história da mulher, escritos e marcados pelo estabelecimento de discursos misóginos (PERROT, 1998, p. 167). E segundo Dominique Maingueneau, “um discurso não vem ao mundo numa inocente solicitude, mas constrói-se através de um discurso já dito em relação ao qual toma posição” (MAINGUENAU, 1989, p.16). Enxergamos que estes são fruto de significados que circulam no seio destas sociedades a partir de experiências vivenciadas anteriormente.

Assim percebemos que a família patriarcal sob a visão de Gilberto Freyre⁴ era apresentada como modelo interpretativo das relações familiares, e as ações das mulheres era resultado de um discurso oriundo de sua subjugação ao poder do patriarca no Brasil colônia pelos relatos historiográficos.

Neste sentido podemos enxergar que “o perfil das mulheres que habitavam o Brasil colonial manteve-se prisioneiro, por várias décadas, de um sem-número de imagens, parte delas verossímil, outra parte estereotipada” (VAINFAS, 2007, p. 115). O autor nos chama atenção para o fato de que, em outros relatos ao longo dos tempos, repetiram-se discursos idealizadores sobre as mulheres que aqui habitavam. Buscamos compreender o arquétipo desenhado. Um discurso misóginos, como o relato a seguir:

⁴ Para melhor compreensão do pensamento de FREYRE em relação à família patriarcal, que foi um estudo balizador das relações na sociedade colonial, ver: Casa Grande e Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: RECORD, 1997.

A mulher é o mais monstruoso animal de toda a Criação, de mau feitio e pior linguagem. Ter este animal em casa é o mesmo que procurar complicações sob forma de mexericos, tagarelices, bisbilhotice maliciosa e controvérsia; porque, sempre que uma mulher está presente, parece impossível haver paz e tranquilidade. Não obstante, tudo isso se toleraria, se não fosse o perigo da lascívia. (BOXER, 1977, pp. 121-144)

Estigmatizadas no passado, as mulheres da sociedade colonial conviveram cotidianamente com um modelo social marcado pela hierarquização e escravidão. Citamos anteriormente a renomada obra *“Casa Grande & Senzala”* (FREYRE, 1997), a despeito da relevância que esse trabalho adquiriu ao longo do tempo no meio acadêmico, muito inclusive pelo ousar das novas possibilidades de objeto e análise, o próprio título sintetiza uma forma bastante comum de se olhar a constituição da sociedade colonial brasileira. O autor, ao retratar as mulheres dessa sociedade, direciona um foco de luz para as personagens femininas.

Chamou-nos atenção para o fato das características físicas femininas descritas na obra, no primeiro capítulo ao abordar a questão da miscibilidade escreve: “nenhum povo colonizador, dos modernos, se igualou ou excedeu nesse ponto aos portugueses. Foi misturando-se gostoso com mulheres de cor logo ao primeiro contato”. Este discurso é apenas a brecha aberta para seguir a delimitar as características femininas objeto de desejo dos colonizadores do período. O autor nos apresenta primeiro a figura da mulher moura-encantada, tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos. Envoltos em misticismo sexual. E ao chegar às terras americanas os colonizadores se deparam com as índias nuas e de cabelos soltos. Estas possuíam características físicas parecidas com as mouras, objeto de desejo sexual. Retratam também as mulheres louras como figuras angelicais e divinas, enquanto a de pele morena era associada aos anjos do mal. Afirma ainda Gilberto Freyre que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor. Um estereótipo que ainda hoje apresenta o quadro das relações sociais e culturais do período. Entretanto sejam estas brancas, forras, escravas índias e negras, na sociedade colonial foram marcadas pelo discurso que via o

pecado em todas, e em todos os lugares. Cenário idealizado a partir de generalizações simbólicas, oriundas do além-mar.

Entretanto, esta visão começa a ser modificada, como por exemplo: a imagem da índia amante dos portugueses, da mulata que com sua beleza e sedução povoava o imaginário masculino, vítima das maldades, assim como as mulheres africanas trazidas pelas mãos do tráfico, foram humilhadas e sofriam violências nas mãos das Senhoras. Como tal, outras associadas às práticas mágicas, uma relação entre feitiçarias e a sexualidade. Tal tipo de imaginário a partir de pesquisas recentes apresentam, “outras facetas das mulheres que em nada corroboram com os estereótipos consagrados pelo senso comum ou pela opinião letrada tradicional. Descobrem-se, então as mulheres de carne e osso”. E ainda “não haveria a dizer sobre estas mulheres e suas experiências no Brasil colonial, se não existissem os papéis do famigerado Tribunal do Santo Ofício”.

Filhas de seu tempo, as mulheres na Colônia inseriam-se num quadro mental e social que acompanhava, mesmo a distancia, as várias transformações produzidas no Velho Mundo. A sociedade colonial, malgrado as especificidades que vinha adquirindo, era tributária da longa respiração histórica e, portanto, herdeira de acontecimentos que entrelaçavam a sua metrópole e a Europa Ocidental. (SOUZA, 1993, p.31)

Assim, o fio invisível que infligia e marcava o cotidiano da mulher na colônia brasileira era impresso nas relações diárias entre os sexos e acentuavam as diferenças nas diversas vozes femininas do período. Mary Del Priore em *Ao sul do corpo*, ao refletir sobre a participação feminina na colônia brasileira, relata:

Quero sublinhar que a condição feminina fabricava-se no Brasil, então, marcada pelo caráter exploratório da empresa portuguesa no Brasil, do século XVI ao XVIII. O modelo escravista de exportação vincava as relações de gênero. Além dele, a tradição androcêntrica da cultura ibérica e os objetivos da empreitada colonial estimularam os homens [...] – a estabelecerem um papel identificado com o esforço de colonização para todas as mulheres. [...]. Este papel deveria não só refletir como também espelhar a participação feminina na conquista ultramarina, mas também a defesa do

catolicismo contra a difusão da reforma protestante. (PRIORE, 2009, p. 22)

Apesar da conjuntura, as mulheres revelam estratégias informais de participação. Fator que, ao longo dos tempos, contribuiu para consolidar papéis femininos estereotipados, bastante utilizados pela sociedade colonial, e mais tarde incorporados pela historiografia. No Brasil colônia, tentou-se aprisionar a sexualidade feminina, enquanto ao homem era delegada uma vida mais solta. Cabia às mulheres os papéis de mães, filhas e esposas, nunca de amante, o que, segundo nossos estudos, não foi o suficiente para aprisionar a sexualidade feminina; muitas mulheres reinventaram suas trajetórias de vida. No caso, os embates e a propulsão das relações sociais se dariam sob o plano de um regime onde o homem, não a mulher, seria o centro. Sem dúvida, tal perspectiva tem seus fundamentos, mas outras produções historiográficas vêm se efetivando no sentido justamente oposto à compreensão da sociedade pelo fio patriarcal.

Misoginia e práticas medicantes na colônia do além-mar.

Nos discursos relacionados às mulheres, nota-se claramente a associação entre a sexualidade e religiosidade, quadro este encontrado quando analisamos os comportamentos idealizados no período. Jean Delumeau⁵ retrata em sua obra o medo de Satã e seus agentes. A mulher como uma representante em potencial do demônio, por ser vista como uma incógnita. Muitas são as abordagens direcionadas à figura feminina como as que falam das bruxas e feiticeiras⁶, muito presente no universo moderno. Nesse período, havia um esforço científico em compreender o

⁵ Jean Delumeau, em sua obra *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*, ao traçar e classificar os medos, expõe que estes se mostram multifários. Sendo assim, diante de um quadro de vários temores causados pelas pestes, conflitos, invasões turcas e a reforma protestante, a elite também se sente ameaçada, consequentemente os dirigentes da Igreja e Estado partem em busca do responsável por estes males.

⁶ Grosso modo, bruxaria seria as práticas e pactos feitos entre as mulheres e o Diabo (demônio). Já a feitiçaria era uma arte que se aprende ao longo do tempo. Devemos considerar que foram principalmente os discursos médicos que passam a caracterizar certas práticas femininas como sendo do mal. Um discurso arraigado de controle moral.

funcionamento da madre (útero). O corpo feminino emblemático, local dos mistérios, cercado de pudores, revisitado por Mary Del Priore em sua obra, refletia uma preocupação moral e um discurso normatizado. Dentro deste cenário, a autora percebeu que o médico ao penetrar nesta “terra desconhecida, que era o corpo feminino, ao mesmo tempo, que, interrogava a sexualidade da mulher, era também por ela interrogado”. Deste modo, os ciclos menstruais, a gestação, “os males da madre” eram carregados de simbolismos. Sendo assim a mulher, através de diversas imagens, ora santas, frágeis, ora diabólicas, pecadoras. (PRIORE, 2009, P. 22). Remetem-nos à dualidade: Eva, pecadora maculada, e Maria, santa-mãe e obediente, que concebeu fora do pecado. (ARAÚJO, 2007, pp. 45-77).

O cotidiano feminino e o saber médico na colônia estavam associados, segundo a autora citada anteriormente, a um quadro de dominação e opressão sobre as mulheres. Os métodos utilizados pelas mulheres que possuíam conhecimento sobre o corpo, especificamente “o tratar” e “cuidar” pelas parteiras, neste caso na Europa assim como no além-mar, não correspondiam aos primeiros esboços de algo exato e mensurável com seu devido rigor. Além disso, era bastante comum o uso de plantas e ervas naturais no auxílio do parto. Sendo assim, eram acusadas de praticantes de feitiçarias, provocar abortos, assassinar crianças como ato de sacrifícios a Satã, entre outras práticas. Teriam ligações com o desconhecido, o sobrenatural das doenças e a prática do parto em si, caracterizado pelas manifestações satânicas. As mulheres, que exerciam a função de parteiras, deram forma a uma maneira bem definida de se pensar a maternidade. Se por um lado era dada ênfase em certos procedimentos da cultura popular, havia também as representações das religiosidades, e o discurso científico no espaço social.⁷

Entretanto o avanço científico, ou pelo menos aquilo que se considerou avanço, acabou por enquadrar tais procedimentos como obtusos e obscuros⁸. O imaginário da

⁷ LEOPOLDO. Eliane Cahon. *A malevolência feminina: As associações mulher & bruxa na colônia brasileira*. Trabalho de conclusão de curso de Especialização em História Moderna na Universidade Federal Fluminense, 2012.

⁸ Para maiores esclarecimentos acerca deste assunto, ver: AGRA FILHO, Luciano B. “Religião e magia na Idade Moderna no campo historiográfico”. In: *História, imagem e narrativas* Nº 6, ano 3, abril/2008.

época era envolta de diversas práticas. Onde o conhecimento científico era privilégio de poucos, as mulheres do campo, das cidades se apropriavam dos saberes que circulavam no seio destas sociedades, muitas das vezes transmitidos oralmente de gerações para gerações. O conhecimento sobre a anatomia feminina, reprodução e o momento do parto principalmente, neste período, era limitado à reprodução. Segundo Mary Del Priore: “Acreditava-se que as doenças tinham conexão íntima com a presença do Demônio”, era algo tenso, repleto de aflições e medos. A ação destas mulheres pautadas no empirismo de seus atos reflete seu tempo, em uma época que a população demográfica era fragmentada, elas representavam “as médicas” de sua região, na falta destes profissionais.

Enaltecidas pela gravidez, comparáveis às múltiplas Senhoras grávidas, as mulheres coloniais viviam a maternidade com recursos que pertenciam a um “saber-fazer” exclusivamente feminino, mas que era passado aos médicos que se apressavam em catalogá-lo. (PRIORE, 2007, p. 176)

Dada as devidas distinções temporais e espaciais, ao se falar do trabalho das mulheres parteiras, remetemo-nos à chamada Idade Média. Para Rosana Lopes Studnicka, duas questões podem ser observadas na prática dos partos⁹. Primeiro, o trabalho consistia na verdade em uma arte. Algo que se aprendia na prática, sem cursos ou preparação prévia. Seria necessário, inclusive, certo dom inato para se efetivar como parteira. A presença da parteira nesta sociedade está associada ao cuidar da mãe, fazendo uso de plantas medicinais, como cascas de árvores, folhas e inúmeras plantas conhecidas pela medicina popular das quais tinha conhecimento, o parto, trazer à vida uma criança. Em muitos casos ainda eram as benzedadeiras e rezadeiras. Em torno desta prática surgiram muitos relatos, aguçando o imaginário em sociedades e épocas diferentes. E confronto entre a sabedoria científica *versus* a empírica herdada de gerações passadas, pelas inúmeras mulheres que faziam uso destes conhecimentos. Iraci de Carvalho Barroso ao analisar esta questão expõe:

⁹ STUDNICKA, Rosana Lopes. Resgatando saberes e fazeres de mulheres que atuaram como parteiras: entrelaçando Educação e História da Região Serrana de SC. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/posteres/GT06-3205--Int.pdf>. Acesso 14-out-2012.

A Europa do século XVI foi um retrocesso na posição que a mulher ocupava na sociedade. A misoginia à parteira retrata o lado cruel do cristianismo quando exterminou milhares de mulheres acusadas injustamente de bruxarias. Criou-se o “mito cristão” e este foi institucionalizado. (BARROSO, 2001)

Assim, foi muito comum a perseguição às mulheres por parte da Santa Inquisição, pois era inconcebível que o conhecimento emanasse por si só, daí a frequente associação das mulheres, em especial as parteiras, com a magia, bruxaria e outras denominações que associavam tal prática a algum tipo de mal. Como dito anteriormente, independente do contexto histórico, o que estava em jogo era o ato de conceber uma vida. A mulher então era aquela que dava a luz, que gerava a vida, mas também seria a principal responsável por esta vida chegar ao mundo.

Tomando como base o atraso e métodos utilizados pela medicina da época, observamos no texto da autora Mary Del Priore, quando ela trata das questões relacionadas ao corpo e crenças em poderes mágicos relacionados às mulheres, que havia um discurso por parte dos poderes instituídos de criar um ambiente favorável à perseguição à mulher que possuía conhecimentos específicos. Principalmente os relacionados a como tratar o corpo. A madre concebida, a gravidez e o parto. Por trazer nova vida, ao contrário de um tratamento pelo qual as parteiras tivessem sua arte reconhecida e valorizada, o que ocorria eram tratamentos pejorativos. Neste sentido, a superstição em cima do trabalho das parteiras foi ampliada pela cultura dominante. De todo modo, é necessário apontar que o imaginário da mulher como portadora do mal, como a detentora de conhecimentos férteis à bruxaria, tem data marcada na história, se constituindo como um dos objetos mais ressaltados da História, denominada História Medieval. Sendo assim, eram acusadas de praticantes de feitiçarias, provocar abortos, assassinar crianças como ato de sacrifícios a Satã entre outras práticas. Teriam ligações com o desconhecido, o sobrenatural das doenças e a prática do parto em si, caracterizado pelas manifestações satânicas. As mulheres que exerciam a função de parteiras deram forma a uma maneira bem definida de se pensar a maternidade. Se por um lado era dada ênfase em certos procedimentos da cultura

popular, havia também as representações das religiosidades, e o discurso científico no espaço social.

Além disso, à medida que a sociedade passa a reconhecer o trabalho de trazer uma vida ao mundo como um mal, seria lógico que as responsáveis por essas práticas consideradas heréticas fossem vistas como um elemento estranho, o estereótipo da feiticeira. Devemos sublinhar que a experiência vivenciada no cotidiano colonial forja um quadro de tensões e conflitos culturais e religiosos, onde as ideias e comportamentos sociais são essenciais para se compreender os conceitos do discurso médico na sociedade do período.

Portanto, ao refletirmos sobre os costumes e as crenças populares, vivenciadas no cotidiano colonial e as afirmações de heresias e feitiçarias, ou seja, entre as crenças das pessoas acusadas e as dos juízes, observamos que ambos agem de acordo com suas realidades. Um período onde normas e ordens possuem extrema relevância frente ao quadro conturbado do momento, estas objetivam o controle social da massa populacional. Uma sociedade onde Deus e o Diabo fazem parte da vida diária dos personagens do contexto. E devemos lembrar novamente que a sociedade do período colonial respirava religiosidade imbricada com as práticas mágicas. Estado e Igreja reagem conforme as ideias que circulavam nesse universo.

Conforme escreve Ronaldo Vainfas, “o perfil das mulheres que habitavam o Brasil colonial manteve-se prisioneiro, por várias décadas, de um sem-número de imagens, partes delas verossímil, outra parte estereotipada”. O autor ao construir seus relatos busca apresentar o conjunto de valores sociais do período, onde o comportamento dos indivíduos na colônia estava marcado pelas relações sexuais. O profano entrelaçava nas luxuriantes gentias da terra, colonizadores, africanas e a moral da Igreja, cujo discurso tinha como objetivo o controle das práticas sexuais.

O pecado carnal seria o perseguido pelo Santo Ofício. A sodomia, chamada de “abominável pecado nefando”, as relações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo, era considerada profana. Ao abordar este tema o autor conclui que as mulheres cometiam a molície, pecado contra a natureza que não implicava a cópula (anal e vaginal). Sendo assim, as relações homoeróticas entre mulheres são menos visadas

que as práticas entre os indivíduos de sexo masculino. (Vainfas, 2007, pp. 115-117). Mesmo assim, no Brasil ocorreram 29 casos de mulheres citadas, segundo o autor. Principalmente no nordeste brasileiro, esses comportamentos eram um retrato do quadro social no qual as moças estavam inseridas, cuja moral e tirania dos pais impunham normas de convívios rígidos.

Mary Del Priore, quando se propõe a descortinar o universo das representações femininas na colônia, o faz mediante estudos de fontes diversas, procurando ouvir o que as mesmas lhe apontavam, apesar dos discursos normativos, “no avesso do papel que lhes era delegado pelas instituições de poder masculino, a Igreja e o Estado”. As mulheres, através de poderes polarizados em suas ações cotidianas, e cuja condição feminina fora estabelecida mediante sua natureza biológica, construída a partir de um discurso de dominação, que fora estabelecido culturalmente ao longo dos tempos, estas reagem, revelando um “mundo onde os poderes informais relativos à cultura e à religião afloram simultaneamente, revelando sua capacidade de solidariedade e resistência.” A autora, ao pensar a questão da cristianização ocidental, relata: A Igreja, atenta ao poder de alavancagem do capital materno, invade-o rapidamente com inúmeras imagens de virgens grávidas. Junto com a condição de normatização feminina na colônia, a gravidez foi “colonizada”. Uma Igreja que durante este período vivia a reforma e contra-reforma. Nesse contexto, os destinos das mulheres estavam marcados pela ação Estatal e pelo discurso católico Tridentino, tanto na metrópole como no cotidiano do Brasil colonial, que tinham o caráter de domesticar, adequar ao projeto do Estado idealizado neste caso para a colônia brasileira. (PRIORE, 2009, P. 14 – 176).

Conclusão

Assim, na tentativa de decifrar este universo, esbarramos em diversos relatos. Confrontando-os observamos que o comportamento e as ações das mulheres eram resultado de um discurso normatizador, oriundo das tradições portuguesas e europeias transplantados para a colônia. No Brasil colonial tentaram aprisionar a sexualidade feminina, suas ações. As mulheres da colônia estavam expostas a um processo normatizador que visava o discurso da mulher ideal, aquela que atendesse aos padrões do Estado português, que via na família sua base de controle social. Na trajetória de tantas faces, os papéis desempenhados, assim como suas ações, principalmente no caso das mulheres pobres, poderiam caracterizar um modo de resistência, no qual sua sobrevivência estava em jogo, devido às circunstâncias do contexto. Todavia queremos ressaltar que este trabalho não tem como pretensão esgotar os diálogos acerca dos discursos referentes às questões abordadas, assim como está sujeito a não preencher todas as lacunas, já que este é parte de um projeto maior - nossa monografia de conclusão de curso.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Emanuel. *A Arte da Sedução: Sexualidade, feminina na colônia*. In: *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.
- MAINGUENAU, Dominique. *Novas tendências de análise do discurso*. Campinas: Editora Pontes, 1989.
- PERROT, Michelle. "As mulheres o poder e a história". In: *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

- PRIORE, Mary Del. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia*. São Paulo: UNESP, 2009.
- REIS, José Carlos. *História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização (séculos XVI – XVIII)*: São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- VAINFAS, Ronaldo. “Homoerotismo feminino e o Santo Ofício”. In. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.

Disponível em endereço eletrônico:

- BARROSO, Iraci de Carvalho. *Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais do Amapá. História e memórias*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas, São Paulo. 2001. www.unicamp.br/anuario/2001/.../IFCH-dissertacoesmestrado.html. Acesso: 16/10/2012.
- AGRA FILHO. Luciano Bezerra. *Religião e magia na Idade Moderna no campo historiográfico*. História, imagem e narrativa. Nº 6, ano 3, abril/2008 – ISSN 1808-9895 - <http://www.historiaimagem.com.br>. Acesso: 16/10/2012
- STUDNICKA, Rosana Lopes. *Resgatando saberes e fazeres de mulheres que atuaram como parteiras: entrelaçando Educação e História da Região Serrana de SC*. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioe/30ra/posteres/GT06-3205--Int.pdf> Acesso: 14/10/2012